

**TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL:
“THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.**

Fernando de Carvalho Parente Junior¹
UFC – Universidade Federal do Ceará

Daniel Almeida de Lima²
UFC – Universidade Federal do Ceará

INTRODUÇÃO

O poema “*The Raven*” (em Português, “O Corvo”) foi escrito pelo poeta romântico Edgar Allan Poe nos Estados Unidos em meados do século XIX. O poema, de ar sombrio e melancólico, é mundialmente famoso por sua métrica exata e precisão cirúrgica nas escolhas das palavras com as quais foi composto, além da excelência dos recursos fonéticos como rimas, aliterações, assonâncias etc. e traz como tema a visita inesperada de um corvo que parece ter sido enviado sobrenatural para atormentar um rapaz que sofre com a perda de sua amada, Lenore.

Traduzir o poema “*The Raven*” é uma tarefa especialmente complexa, devido ao seu alto grau de complexidade em seus recursos métricos e fonéticos, tarefa já atentada por autores renomados no Brasil e no exterior, como Machado de Assis, Fernando Pessoa, Charles Baudelaire e Mallarmé. Como seria então possível uma tradução de “*The Raven*” para a Libras, uma língua de modalidade não-oral? Quais as dificuldades que esta tarefa impõe? Quais estratégias podem ser tomadas para o resgate da poeticidade do texto? Neste artigo, discutiremos sobre o processo de tradução do poema “*The Raven*” de Edgar Allan Poe para a Libras, numa perspectiva cultural.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET) da UFC, é pós-graduado no Ensino e Tradução da Libras e graduado em Letras/Inglês com ênfase em Tradução pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atualmente, atua como Tradutor e Intérprete de Libras efetivo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET) da UFC, é graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Engenharia Civil pela Universidade de Fortaleza, também possui pós-graduação no Ensino e Tradução da Libras. Atualmente é professor magistério superior de libras da Universidade Federal do Ceará. PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

LIBRAS, LITERATURA SURDA E TRADUÇÃO CULTURAL.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida pela Lei Federal 10.436 de 2002 como a língua que a maioria dos surdos no Brasil usa como meio de comunicação e expressão. Assim, a Libras é a língua natural dos surdos, caracterizando-se de modalidade visuo-espacial e é através dela que se estabelece a comunicação. Como qualquer outra língua de sinais e línguas orais, a Libras apresenta aspectos linguísticos organizados de forma complexa e dinâmica.

É preciso levar em conta que a língua está relacionada sempre com a cultura daquele povo, própria de uma comunidade que se expressa também por meio de artes, poesias, teatros, obras infantis, etc. Consciente que a língua de sinais possui tudo que caracteriza uma língua natural e que o povo que a usa não tem uma patologia da linguagem, necessitando de contato com tudo que envolve uma língua inclusive aspectos culturais, criou-se a Literatura Surda.

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30).

A Literatura Surda, por sua vez, é composta por tanto por textos originais em Língua de Sinais, criados pela Comunidade Surda e para a Comunidade Surda (como também por textos traduzidos ou adaptados provenientes da cultura ouvinte. Os textos originais da Comunidade Surda são, em grande parte, anedotas cuja essências residem principalmente na visualidade de como são contadas, nelas, o sujeito Surdo, sua cultura e a Língua de Sinais tomam lugar de destaque, evidenciando os aspectos positivos e as vantagens que a comunicação pela modalidade visuo-espacial pode proporcionar.

Em se tratando de Literatura traduzida, há vários tipos de traduções, dentre elas a literal e a cultural. A tradução literal é identificada quando o tradutor realiza a tradução de palavras no texto original de uma forma que evidencia as características da língua e cultura fonte, sem se preocupar sobre como o texto será recebido na situação de chegada. Situação de chegada, já que o público não é só o único quesito a ser levado em consideração quando se traduz, já que

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

outros fatores como tempo, contexto, suporte e finalidade também são levados em consideração.

Já a tradução cultural é o processo de transformação sociolinguística que considera cada cultura reconhecida nas duas diferentes línguas, tendo em vista as proposições dicotômicas de Surdos e Ouvintes, Línguas Sinalizadas e Línguas Orais, Libras e Português etc. A tradução cultural traz consigo a proposta de domesticação, ou seja, a fluência e a naturalidade da língua e cultura do público alvo são priorizadas em detrimento das marcas culturais e linguística do texto de partida.

Peter Newmark se refere a esse apagamento da cultura fonte como um processo inerente a um dos procedimentos técnicos do seu modelo de tradução: da Equivalência Cultural, onde um elemento do texto original é substituído por outro de sentido aproximado. Newmark ainda cita que tal procedimento é observável principalmente quando os leitores são alheios aos conceitos próprios da cultura de partida. No caso dos Surdos e ouvintes, por dividirem o mesmo território, o mesmo espaço físico, há uma interseção cultural entre os povos, onde alguns aspectos culturais como roupa e comida são absorvidos pela comunidade surda, e outros aspectos, apesar de provenientes da cultura ouvinte, como a música, não são alheios à comunidade.

Sobre a particularidade, ou *ponto de vista* de cada língua e seu povo, Paes (1990) defende que “cada língua constitui uma visão de mundo diferenciada e única a que só se pode ter acesso por via dessa mesma língua e de nenhuma outra”. Que corrobora com Bassnett (2005) quando fala que “nenhuma língua pode existir, a menos que ela esteja inserida no contexto de cultura, e nenhuma cultura pode existir, a não ser que tenha em seu núcleo a estrutura de língua natural”.

Neste sentido, uma Tradução Cultural não se limita apenas a informar um novo público ou publicizar uma determinada informação numa outra língua. Uma tradução Cultural abre novas perspectivas de possibilidades para apropriação e *re-expressão* do texto a ser traduzido, ao passo que possibilita uma maior aproximação e identificação entre o texto e seu leitor.

A TRADUÇÃO DE “THE RAVEN” PARA A LIBRAS.

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

O trabalho de tradução do poema “*The Raven*” numa perspectiva cultural, foi realizado por dois tradutores. Sendo um deles ouvinte, tradutor e intérprete de Libras profissional e com formação de Bacharelado em Língua e Literatura Inglesa e que possui o Português como língua materna. E o segundo tradutor, um Surdo, professor universitário, altamente proficiente no uso da Língua Brasileira de Sinais, graduado em Letras-Libras, sendo esta sua primeira língua.

Primeiramente, realizamos uma leitura geral do texto, em inglês, para que pudéssemos resgatar a ideia geral do texto a ser traduzido. Em seguida, fizemos um estudo mais detalhado sobre cada estrofe, para isso, analisamos separadamente cada uma das estrofes e elegemos quais os tópicos de maior relevância, como as informações introduzidas pelo personagem sobre a ambientação, situação no tempo e espaço, bem como sua situação psicológica, que evolui no decorrer do poema. Após elencarmos os assuntos a serem abordados em cada estrofe, estudamos quais as possibilidades de sinalização de cada item, levando em conta o uso poético da língua de sinais, sua fluidez e naturalidade, além da perspectiva de adaptação proposta pela Tradução Cultural.

Tradutor-ator:

Definimos que o tradutor Surdo seria o tradutor-ator³ responsável pela sinalização final do poema, isto levando em conta toda a sua bagagem cultural, linguística e tradutória, além de sua particular precisão no uso dos recursos expressivos da Libras, como a expressão facial e corporal e sua consciência espacial durante a sinalização.

Quanto às cores utilizadas na vestimenta do tradutor e o plano de fundo da sinalização, escolhemos cores de tons mais escuros e sombrios, pois, além de propiciar uma melhor visualização dos sinais devido contraste entre a pele clara do sinalizante e o fundo escuro, estas cores remetem ao estado psicológico de luto do narrador.

Métrica e segmentação:

³ Os textos traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais são filmados, pois, é uma língua vista pelo outro, é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões, é uma língua que depende da presença material do corpo do “tradutor”, por isso, também “ator”. (NOVACK, 2005, manuscrito)

Optamos por manter a mesma ordem e número de estrofes como no original, isto é, as dezesseis estrofes do original foram remontadas em dezesseis blocos de sinalização. Cada um conteúdo uma média de 34 segundos. Como apresentada na tabela a seguir:

Número da Estrofe	Tempo de duração	Número da Estrofe	Tempo de duração
Estrofe 1	01:12	Estrofe 10	00:33
Estrofe 2	00:40	Estrofe 11	00:23
Estrofe 3	00:24	Estrofe 12	00:20
Estrofe 4	00:24	Estrofe 13	00:34
Estrofe 5	00:24	Estrofe 14	00:35
Estrofe 6	00:33	Estrofe 15	00:33
Estrofe 7	00:33	Estrofe 16	00:28
Estrofe 8	00:33	Estrofe 17	00:32
Estrofe 9	00:24	Estrofe 18	00:54

Tabela 1: Tempo de duração das estrofes

Adaptações:

O primeiro parágrafo se tornou mais extenso pelo fato de que, na Cultura Surda, é comum iniciar uma história situando o leitor do espaço físico em que tudo se passa. Deste modo, concentramos na primeira estrofe a maior parte das informações sobre a localização espacial, que no texto original, se encontram diluídas no decorrer das estrofes. Assim, os primeiros versos da tradução em Libras, situa o leitor sobre os elementos presentes no gabinete do personagem (cf. imagem 1), como os livros, a lareira (cf. imagem 2), porta (cf. imagem 3), janelas e o busto da deusa grega (cf. imagem 3).



Imagem 1: Gabinete



Imagem 2: Lareira



Imagem 3: Busto e porta

Por se tratar de uma tradução cultural, alguns aspectos da Cultura Surda foram levados em consideração. Um deles é o fato de que todas as pessoas que participam da Comunidade Surda têm um sinal específico que equivale ao seu nome em Português, utilizado na sociedade majoritariamente ouvinte. Assim, a soletração de nomes próprios não é sempre necessária, pois caso a pessoa em questão já tenha sido “batizada” com um sinal na Comunidade Surda, ela será referenciada através do sinal que lhe é próprio. Neste poema, itens lexicais não-nativos como as letras do alfabeto datilológico (ou alfabeto manual da Libras⁴) foram propositalmente evitados a fim de proporcionar maior fluidez ao texto em Libras. Assim, evitamos empréstimos linguísticos do Português ou do Inglês, esta escolha foi feita ao custo de suprimirmos alguns nomes próprios citados no texto original, como da deusa Pallas ou Plutão que são citados no texto em Libras como “DEUSA GREGA” e com o sinal do próprio “DIABO”, respectivamente.

O nome da mulher falecida do personagem, Lenore, não foi soletrado na tradução, mas Lenore especificamente, por desempenhar papel fundamental no poema, recebeu um sinal próprio. Após discutir o tema, concordamos que seria estranho um falante de língua de sinais persistir na soletração do nome da sua esposa – já que pessoas próximas aos falantes de línguas de sinais geralmente recebem um sinal que equivale e substitui seus nomes. O nome de Lenore seria soletrado por meio do alfabeto manual, por exemplo, somente se o protagonista estivesse apresentando sua esposa a uma terceira pessoa, o que não é o caso. O sinal escolhido para Lenore (cf. imagem 4) é feito com as duas mãos com a configuração de mão similar à da configuração adotada na datilologia da letra G, com os indicadores sobrepostos em forma de X e um movimento que lembra o de trançar mechas de cabelo, o movimento das mãos é realizado ao lado da têmpora, descendo por sobre o ombro, como uma trança. O sinal foi escolhido tendo

⁴ A soletração manual, também conhecida como alfabeto manual ou datilologia, se refere a um conjunto de configurações de mãos que representa o alfabeto, no caso da Libras, o alfabeto da Língua Portuguesa, pois é a língua em que há mais contato direto por coexistirem no mesmo território e serem utilizadas por um grande número de falantes. (QUADROS, 2004)

em vista a coincidência de alguns dos parâmetros do sinal de “NUNCA-MAIS”, como configuração de mão e direção, o que permite a adição de elementos poéticos aos textos em Língua de Sinais, como a concatenação de sinais com a mesma configuração de mão, um processo análogo à aliteração presente no texto original, como nos trechos do poema em que o personagem lamenta o fato de não poder mais encontrar sua amada e sinaliza “LENORE NUNCA-MAIS <triste>” num movimento contínuo, fluido, quase que único.



Imagem 4: Sinal atribuído à Lenore

Com o propósito de oferecer uma maior identificação entre o leitor surdo e o personagem principal do texto, os *inputs* que originalmente eram de modalidade auditiva foram adaptados para *inputs* de modalidade visual. Esta estratégia evidencia a identidade do Surdo como sujeito de experiência visual, que se relaciona com o mundo através do olhar. Por exemplo, o som da batida do bico do corvo à porta, que anuncia sua chegada ao gabinete, foi substituído pela visualização do farfalhar de suas asas, assim, o personagem ao avistar (e não escutar) a presença de um possível visitante, sai de sua poltrona para verificar quem lhe está à porta à meia noite.

Outro recurso de compensação utilizado na reconstrução do trecho em que o personagem, após abrir a porta, pensa ter ouvido o nome de Lenore. Também neste caso, a experiência auditiva foi substituída pela experiência visual, ou seja, o som do nome que o personagem pensa ter ouvido é substituído por uma sombra que, projetada ao chão, se assemelha ao sinal atribuído a sua amada Lenore (cf. imagem 5), no entanto, quando o personagem verifica o que está produzindo o sinal de sua amada, são apenas galhos entrelaçados de uma árvore que balança perto de sua janela (cf. imagem 6).

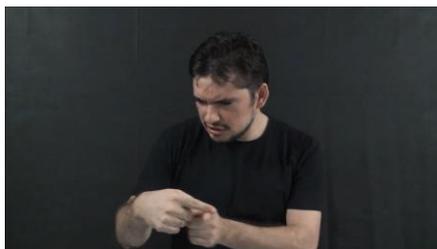


Imagem 5: A sombra do sinal no chão



Imagem 6: Galho de árvore balançando

No poema original, a narrativa é realizada inteiramente na primeira pessoa, sendo o narrador o protagonista da história. Na tradução em Libras, o tradutor-ator alterna entre três pontos de vista diferentes. O primeiro é o ponto de vista do narrador, que tem como principal função a descrição do ambiente, dos objetos e dos personagens da história, este é o que dá início a história, onde se faz uma breve descrição do local onde o personagem principal se encontra. O segundo ponto de vista, e o mais predominante durante a história, é do próprio homem, que relata seu encontro com um corvo que aparentava ter sido enviado pelo próprio diabo. O terceiro ponto de vista é o do corvo, pois, há trechos em que o tradutor-ator incorpora a figura do corvo, seu modo de pousar no busto da estátua grega, seu bico anguloso e seu olhar penetrante. O corvo tem a palavra majoritariamente na linha das dez estrofes finais do poema (isto é, da oitava à décima oitava estrofe), onde repete insistentemente a palavra “*nevermore*”. Nas Línguas de Sinais, a direção do olhar e a rotação do tronco são elementos que tem, dentre outras funções, marcar a distribuição de falas num discurso. Os espaços de sinalização do narrador, personagem e corvo são mantidos durante todo o texto, conferindo estética poética a narrativa por meio da “repetição, simetria e equilíbrio”, como descreve Quadros (2006).

Sistema de rimas:

Um dos primeiros tópicos discutidos foi a repetição dos termos “*nothing more*” e “*nevermore*” presentes no final de cada estrofe. Era preciso achar sinais que pudessem expressar os sentimentos do protagonista de ausência, vazio, negação e solidão. A maior dificuldade desta tarefa foi pensar numa estrutura que pudesse ser usada repetidamente no final de cada bloco de sinalização (ou estrofe) do texto em Libras, de preferência um apenas um único sinal que pudesse transmitir os significados presentes no texto original, e que ainda respeitasse a gramaticidade visual da Libras. Alguns sinais foram considerados, mas por não se apresentarem

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

como alternativas agramaticais em determinados contextos, foram abandonados. A seguir, discorreremos sobre a escolha dos sinais para “*nothing more*” e “*nevermore*”.

O sinal escolhido para traduzir o termo “*nothing more*” foi um sinal que traz consigo a ideia de “NADA” ou “VAZIO” (cf. imagem 7), rejeitamos assim, a possibilidade de se traduzir o termo composto de duas palavras “*nothing*” e “*more*” pelo sinal mais comum utilizado para o conceito de “NADA” ou “DE-NADA” (cf. imagem 8) e o sinal de “MAIS” ou “ADICIONAL”. Este sinal de “NADA” ou “VAZIO”, em particular tem um sentido amplo na Libras, o que dificulta a atribuição de um termo em Português que lhe sirva de *glosa*. No caso deste sinal, ambas as mãos assumem a configuração de mão que corresponde ao número 0 (zero) ou à letra “O” no alfabeto datilológico da Libras, e fazem um movimento simétrico simultâneo no plano vertical. Este sinal foi repetido no final das sete primeiras estrofes, onde no texto original o narrador finaliza sua fala com as palavras “*nothing more*”.



Imagem 7: NADA ou VAZIO (*Nothing more*)

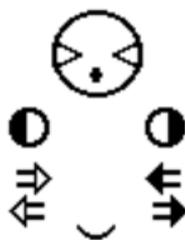


Imagem 8: NADA (DE-NADA)

Já para a palavra “*nevermore*”, escolhemos um sinal que poderia ser traduzido para o português como “JAMAIS” ou “NUNCA-MAIS” (cf. imagem 9), é um sinal único, produzido com as duas mãos na configuração da letra G (do alfabeto datilológico da Libras) com os indicadores sobrepostos em forma de um X, as mãos se afastam do corpo do sinalizante mantendo o contato dos indicadores, a expressão fácil alterna entre a saudade, tristeza e ira, de acordo com o sentimento do personagem quem produz o sinal. A ideia era que assim como no texto em inglês, onde o corvo seria capaz de reproduzir o som semelhante ao de “*nevermore*”, o sinal escolhido na tradução, fosse reproduzível por um corvo, ou seja, um sinal de fácil reprodução e entendimento, onde a supressão do parâmetro da configuração de mão (já que um corvo obviamente não dispõe mãos ou dedos assim como as dos humanos) não prejudicasse o entendimento do sinal pelo leitor.

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.



Imagem 9: Nunca mais (*Nevermore*)

Processo de Edição:

Após todo o processo de estudo e filmagem das estrofes traduzidas para a Libras, realizamos a seleção dos vídeos de tradução válidos (aqueles que não continham nenhum erro de performance do tradutor-ator durante a sinalização da estrofe). Em seguida, partimos para a edição do vídeo com a ajuda de um programa de computador. Entre os recursos utilizados, podemos citar: elementos de apresentação e segmentação, ajustes de cores e a adição de efeitos sonoros.

Durante a edição, levamos em conta algumas características impostas pelas diferenças entre as modalidades linguísticas e dos tipos de suportes textuais utilizados (sendo o papel para o poema original, e um monitor multimidiático no caso desta tradução em Libras). No papel, podemos visualizar o poema em sua integridade simultaneamente, observando sua organização textual, sua segmentação, e o espaçamento entre suas linhas e estrofes. Já numa tradução sinalizada em vídeo, o poema é apresentado de forma linear, em que cada parte é exibida de forma sequencial (apresentação do trabalho, autores, título do texto, primeira estrofe, segunda estrofe, e assim por diante).

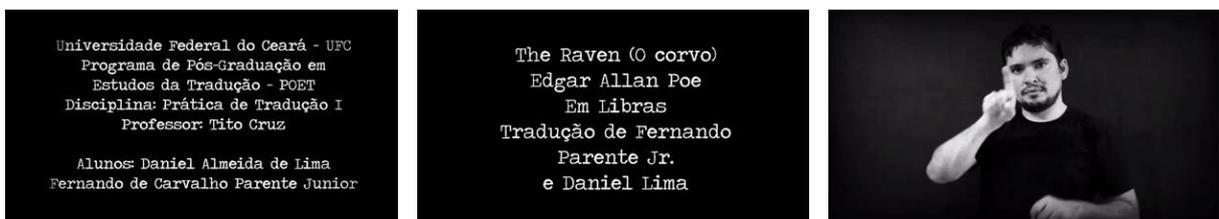


Imagem 10: Elementos de Apresentação da tradução.

Assim, nesta tradução, a fim de situarmos o leitor em relação à segmentação do poema, adicionamos o efeito “*fade to black*” (cf. imagem 11) para segmentar alguns elementos de

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

apresentação do vídeo, bem como no início e término de cada estrofe. Neste efeito, a tela gradativa e rapidamente para até chegar na cor preta, e retorna na mesma velocidade, fazendo com que haja um “corte” na recepção do texto, já que o leitor perde por um instante o contato visual com o tradutor-ator).



Imagem 11: Efeito “*Fade to black*” para segmentação da tradução em Libras.

A fim de conceder um aspecto mais sombrio ao vídeo, realizamos alguns ajustes de cores (como o aumento do contraste e a diminuição do brilho do vídeo), assim, as regiões em preto do vídeo (como a roupa e o fundo do cenário) se tornaram ainda mais escuras. Além disso, acrescentamos um efeito *vignette*, que adiciona uma leve camada de sombra próximo às bordas do *frame* (cf. imagem 12).



Imagem 12: ajuste de cores: contraste, brilho e *vignette*.

Apesar de esse não ser o foco deste trabalho de tradução, já que nos propomos a levar em consideração a perspectiva cultural Surda na narração da história, reconhecemos que muitos ouvintes que dominam Línguas de Sinais têm interesse em desfrutar de poesias em Libras. Desta forma, decidimos pela adição de um fundo musical e alguns efeitos sonoros sincronizados com a sinalização do tradutor-ator, levando em conta que a adição de efeitos sonoros poderia vir a enriquecer a experiência dos leitores ouvintes, mesmo sabendo que para a maioria dos leitores Surdos, a presença ou não desses efeitos seria indiferente.

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

Assim, a adição de efeitos sonoros específicos à determinadas ações, como quando o tradutor ator sinaliza trechos como vento que agita as cortinas roxas está sincronizado com o efeito sonoro de uma ventania. Já na cena em que o Corvo adentra abruptamente o gabinete do narrador, adicionamos o som de um intenso farfalhar de asas, assim como quando nos momentos em que o Corvo responde “*nevermore*” (nunca mais) aos questionamentos do narrador, há o som de um grasnado de um corvo. Tais efeitos sonoros foram extraídos da plataforma online *FreeSound*,⁵ que disponibiliza para download diversos arquivos de som.



Imagem 13: Trechos com efeitos sonoros sincronizados (vento, farfalhar e grasnado).

A trilha sonora utilizada como fundo musical da tradução em Libras chama-se “*Painful Memories*” (Memórias Dolorosas) – a composição faz parte do acervo musical do jogo dramático denominado “*Heavy Rain*” (Chuva Torrencial) desenvolvido pela empresa *Quantic Dream* e publicado pela Sony Computer Entertainment em 2010. A escolha da música se deu pelo fato de que nela, um piano dá tons de melancolia, suspense e solidão, semelhantes aos sentimentos suscitados pela poesia escrita por Poe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O processo de tradução cultural se deu, sobretudo, no trabalho de tradução de trechos ricos em referências sonoras, destacando-se entre elas, os ruídos do vento, o bater na porta, os sons produzidos pelo grasnar do corvo e seu farfalhar de asas, material que perceptível somente aos ouvintes e que passariam despercebidos por um surdo, além da adição de marcas culturais e linguística da comunidade Surda, como a atribuição de um Sinal equivalente ao nome de Lenore, de quem o narrador sente saudades. Devido ao distanciamento entre a situação de chegada do texto original e os surdos brasileiros, a estratégia de domesticação foi adotada para que se pudesse remontar a narrativa poética de Edgar Allan Poe. A narrativa é contada a partir do ponto de vista de um surdo, e a sua surdez não se refere apenas ao fato de não ouvir, mas

⁵ O *website* está disponível no link: <https://www.freesound.org/>

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

antes, ao fato de ser um sujeito que percebe o mundo de uma forma visual, e sua língua ser de uma modalidade viso-espacial, o que reverbera numa série de outros fatores culturais, sociais e linguísticos.

A proposta de videotradução de “*The Raven*” para a Libras, está disponível na plataforma de vídeos online YouTube através do link: youtu.be/Typ8R5x6poA

REFERÊNCIAS:

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcelos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: UFRSG, 2005.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. EDT. Educação Temática Digital, v.7, pag.98-109. 2006.

NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. Shanghai, China: Shanghai Foreign Language Education Press, 1988.

NOVAK, P. **A política do corpo**. In: *V Encontro de Performance do Instituto Hemisférico*. Belo Horizonte, 2005.

PAES, J. P. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.

QUADROS, Ronice Muller, artigo: "**Poesias em língua de sinais: traços da identidade surda**", Estudos Surdos I, editora Arara Azul, 2006

_____, R. M., KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PARENTE JR, FERNANDO DE CARVALHO; LIMA, DANIEL ALMEIDA DE. **TRADUÇÃO POÉTICA NUMA PERSPECTIVA CULTURAL: “THE RAVEN” DE EDGAR ALLAN POE, DO INGLÊS PARA A LIBRAS**. In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.